

DOI: 10.46943/V.CINTEDI.2024.02.002

# A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA DO ENSINO FUNDAMENTAL I NO MUNICÍPIO DE PASSIRA – PE

*Rhaisa Francisca Tavares de Melo Balder<sup>1</sup>*

*Aline Fernanda Silva de Moura<sup>2</sup>*

## RESUMO

A inclusão escolar consistem em um assunto que carece de atenção, por isso é preciso constantemente repensar as práticas de ensino objetivando a inclusão dos estudante e formas diferenciadas de abordagem dos conteúdos para que o aprendizado aconteça de forma mais efetiva, pois, as instituições de ensino são espaços onde se congregam valores, respeito e princípios, viabilizando assim a aprendizagem para todos. Dentro da educação geográfica existem vários pressuposto, entre elas encontra-se a alfabetização cartográfica. Infelizmente, pouco é falado acerca da importância que a cartografia tem no processo de formação do aluno como um todo no ensino fundamental I, e como é possível usa-la para promover a inclusão de estudantes com deficiências no ambiente escolar e no meio que o cerca. O artigo, tem como principal objetivo demonstrar que com as aplicações teórico-metodológicas corretas voltadas para a alfabetização cartográfica nas turmas do ensino fundamental I das escolas do município de Passira, Pernambuco, podemos alcançar a inclusão com metodologias que tornem as aulas não apenas mais dinâmicas e divertidas, mais inclusivas ao ponto de alcançar o real objetivo da escola, a formação cidadã, além dos benefícios cognitivos e psicocomotores que o ensino da cartografia busca agregar na vida dos alunos, quando

1 Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [rhaissatavares@hotmail.com](mailto:rhaissatavares@hotmail.com);

2 Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, [aline\\_fgo-mes@hotmail.com](mailto:aline_fgo-mes@hotmail.com);

feito efetivamente. Para o alcance do objetivo, a pesquisa permeou a revisão bibliográfica analisando a inclusão escolar no município de Passira, Pernambuco, com professores do ensino fundamental I que tenham alunos portadores de algum tipo de deficiência, seguido de uma pesquisa de campo, em bases quali-quantitativas, para analisar as formas teórico metodológicas aplicadas pelos professores para os assuntos relacionados a alfabetização cartográfica. Como produto final, espera-se apresentar modificações metodológicas de cunho dinâmico ligadas a alfabetização cartográfica almejando a inclusão, que será a síntese de toda a pesquisa realizada.

**Palavras-chave:** Educação cartográfica, Alfabetização, Inclusão, Ensino Fundamental I.

## INTRODUÇÃO

A inclusão escolar visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades, tenham acesso a um ensino de qualidade e se sintam parte integrante da comunidade escolar. Isso requer a adoção de práticas pedagógicas que considerem a diversidade, a individualidade e as potencialidades de cada estudante. Mas para que a inclusão escolar seja efetiva, é fundamental que haja um trabalho colaborativo entre professores e gestores envolvidos no processo educativo.

Proporcionar meios para que se ensine e se aprenda mediante a diversidade, em que todos os alunos venha a aprender juntos, sem distinção, é uma das necessidades e dificuldades que os professores encontram em sala de aula. Muitas das vezes a escola não dá uma estrutura adequada para que os docentes possam preparar e manusear suas aulas para incluir esses estudantes. De acordo com Monteiro:

O desenvolvimento de práticas inclusivas pressupõe uma pedagogia capaz de atender a todas as crianças, enquanto classe heterogênea, abrindo mão de práticas de ensino seletivas que visam à classificação e a categorização dos alunos entre os que têm ou não condições de aprender, considerando a pluralidade como fator de crescimento e desenvolvimento de todos (Monteiro, 2015, p. 54).

Dentro dessa educação, quando a voltamos para a geografia, existem vários pressupostos e a alfabetização cartográfica é um deles. Tem-se uma visão de que alfabetizar é apenas repetir, copiar e escrever. Considera-se alfabetizado cartograficamente aquele que se apropria do símbolo e o utiliza para fazer as suas criações, a sua cultura (Barros, 2014). Infelizmente, pouco é falado sobre a importância que a cartografia tem no processo de formação do aluno no ensino fundamental I, e como é possível usar ela para promover a inclusão de estudantes com deficiências no ambiente escolar e no meio que o cerca.

É notório vermos que muitos professores apenas apresentam mapas em livros didáticos como figura ilustrativa e acham que, assim, estão ensinando cartografia, fato esse preocupante, pois sabemos que a alfabetização cartográfica não se limita apenas a “mapas”. Segundo Simielli (1999), essa alfabetização supõe o desenvolvimento de noções de: visão oblíqua e visão vertical; imagem tridimensional e bidimensional; ponto, linha e área; construção da noção de legenda; proporção e escala; lateralidades, referências e orientações.

De acordo com Lacoste (2005) é importante que assim como se ensina ler, escrever e realizar as operações matemáticas, a Cartografia deve ser inserida nos primeiros passos da escolaridade. O mesmo ainda afirma que para haver mudanças no âmbito social, é preciso fazer saber-pensar o espaço para então, transformá-lo. A cartografia no ensino fundamental I aborda conteúdos para o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos, tocante a leitura e utilização dos recursos para inserir esse aluno no seu contexto social e compreender o mundo com suas inúmeras culturas, em escala local, regional e global.

E para que haja um ensino-aprendizagem eficaz, é necessário que o professor se reinvente diariamente, pois ensinar exige o uso de metodologias e planejamento, onde o educador precisa sempre estar atualizando seu material e adequando suas práticas às necessidades e especificidades de cada aluno e turma. De acordo com Flores et al. (2010), a prática com materiais didáticos alternativos, além de facilitar a visualização dos assuntos abordados em aula e proporcionar a integração de todos os alunos, acaba quebrando a monotonia de uma aula expositiva.

O artigo, tem como principal objetivo demonstrar que com as aplicações teórico-metodológicas corretas voltadas para a alfabetização cartográfica nas turmas do ensino fundamental I podemos alcançar a inclusão com metodologias que tornem as aulas não apenas mais dinâmicas e divertidas, mais inclusivas ao ponto de alcançar a formação cidadã, além dos benefícios cognitivos e psicomotores que o ensino da cartografia busca agregar na vida dos alunos, quando feito efetivamente.

## **A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA**

À medida que cresce, o ser humano se depara com um mundo cada vez mais complexo e vasto, o que pode despertar nele um desejo de compreender e dominar esse espaço. Surge, então, a curiosidade e a vontade de explorar novos lugares, descobrir novas culturas e conhecer pessoas diferentes, o espaço em que ele habita é apenas o ponto de partida para essa jornada de descobertas e aprendizados, que pode levá-lo a lugares inimagináveis. Assim, desde o seu nascimento até a sua maturidade, o ser humano busca conhecer e usufruir do espaço que ele ocupa, em busca de novas experiências, aprendizados e

oportunidades de crescimento, e a alfabetização cartográfica anda ao seu lado em todos esses momentos. Segundo Passini (1998, p. 31):

As primeiras relações espaciais que a criança constrói são as relações espaciais topológicas (vizinhança, proximidade, separação, envolvimento e interioridade/exterioridade). Elas evoluem depois para as relações projetivas (coordenação de pontos de vistas, descentração, lateralidade). As ações que os alunos organizam para essas construções podem explicar o funcionalismo do seu pensamento para a leitura do espaço e sua representação. A passagem da percepção para a representação espacial é feita sobre o significativo e o significado, isto é, sobre o pensamento (significado) e o desenho (significante).

Castellar e Moraes (2013) nos apresentam como a alfabetização cartográfica está no processo de ensinar o aluno a ler o mundo que se inicia em sua frente, e isso acontece quando ele começa a reconhecer os lugares e os símbolos, identifica as paisagens e os fenômenos ao seu redor. Ensinar a ler na cartografia é a arte de apresentar a criança a ler o espaço vivido, ao qual o desenvolve no reconhecimento do mundo em que está inserido. A capacidade de visualização da organização espacial é importante como conhecimento para uma participação responsável, consciente e possibilidade de propor mudanças alternativas (Passini, 1998).

Quando o ser humano nasce, logo começa o interesse em conhecer e usufruir o espaço que está ocupando, podendo ser como forma de suprir suas necessidades básicas ou para se divertir. Na visão de Almeida (2013), o esquema corporal é a base cognitiva, na qual se delinea a exploração do espaço. Quando a criança começa a dar seus primeiros passos, a se equilibrar, ter coordenação motora e a desenvolver uma capacidade de localização sozinha, ela usa o próprio corpo e elementos externos do espaço para realizar essas funções, onde todas são pressupostos da alfabetização cartográfica que passam despercebidos aos nossos olhos.

A cartografia sempre foi vista e ensinada com um foco direto nos mapas, gráficos e croquis, mas vai muito além disso. Filizola (2009) afirma que a cartografia escolar é ensinada de forma ultrapassada e fragmentada, além de ser um aprendizado realizado, na maioria das vezes, de forma mecânica. E continuando esse pensamento, Carvalho e Araújo (2008) fala que a alfabetização cartográfica abrange um conjunto amplo de conhecimentos, no qual prepara o

aluno na interpretação e leitura do mundo, as usando nos diferentes momentos de sua vida.

Almeida (2013) diz que um dos focos centrais da alfabetização cartográfica é a preparação do aluno para conseguir compreender a organização espacial da sociedade, tendo sua própria visão do mundo ao qual está inserido, e interpretando-o a fim de suas vivências.

No ambiente escolar, é comum olhar para o pátio e se deparar com os alunos brincando com alguns jogos que achamos comum, mas que sem a alfabetização cartográfica eles não seriam possível. Assim, Oliveira (1978) ressalta que:

Os jogos infantis, como: amarelinha, roda, bola, esconde-esconde, casinha, ou 'cavernas', são universais. Todos estes brinquedos são atividades que exigem uma série de requisitos espaciais: representação gráfica concreta ou imaginária; localização absoluta ou relativa; orientação em termos de distância e direção; estabelecimento de relações espaciais, tanto topológicas como projetivas ou euclidianas; enfim, um processo e um padrão espacial de comportamento. A nosso ver, todos esses brinquedos e outros mais que aqui não mencionamos, mas que poderiam também ser incluídos, revelam preocupações em traçar linhas, determinar pontos e limitar áreas (Oliveira, 1978, p. 48).

A alfabetização cartográfica é fundamental para que os alunos possam compreender e explorar o espaço ao seu redor, seja ele no pátio da escola ou o mundo em que vivem. É imprescindível que a alfabetização cartográfica seja valorizada e promovida dentro do ambiente escolar, possibilitando assim uma melhor compreensão do espaço geográfico e a participação ativa dos alunos em atividades lúdicas e educativas.

Neste sentido, Souza et al. (2000), enfatiza que a linguagem cartográfica é uma das que indubitavelmente devem ser utilizadas no ensino, pois representa a territorialidade dos diferentes fenômenos, razão de ser da própria ciência geográfica.

Para que o professor possa ensinar os pressupostos da cartografia para seus alunos, é essencial que tenham conhecimentos prévios para que possam refletir e pensar de forma crítica sobre os diferentes assuntos e maneiras de alfabetizar cartograficamente os estudantes. Nesse sentido, Souza et al. (2000) expõe que pensar significa refletir sobre algo, ou algum objeto pleno de representações e significados, isso nos permitem analisar situações, formar

opiniões e tomar decisões fundamentadas. Sem o mínimo de conhecimento sobre cartografia, a capacidade de alfabetizar os alunos ficará limitada. Assim, o aprendizado contínuo e a busca por novas informações são fundamentais para o desenvolvimento do discente, cartograficamente.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa faz uso dos pressupostos teórico-metodológicos com base quali-quantitativa da alfabetização cartográfica e sua inclusão no ambiente escolar. Tendo como principal objetivo demonstrar que com as aplicações corretas, voltadas para a alfabetização cartográfica nas turmas do ensino fundamental I, pode-se incluir todos os alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e divertidas, ao ponto de alcançar o real objetivo da escola, a formação cidadã, além dos benefícios cognitivos e psicomotores que o ensino da cartografia busca agregar na vida dos estudantes, quando feito efetivamente.

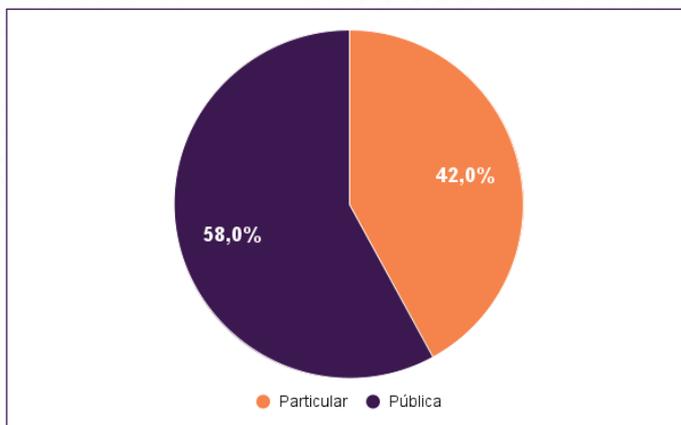
Para o alcance dos objetivos, assim como sua conclusão, foram realizadas pesquisas bibliográficas analisando a educação cartográfica como roteiro para agregar na inclusão de alunos das turmas do ensino fundamental I, seguido de um questionário online encaminhado aos docentes das turmas do ensino fundamental I que atuam nas escolas localizadas no município de Passira, Pernambuco. Participaram da pesquisa 33 professores, que lecionam nas 4 escolas da cidade, sendo 2 particular e 2 municipal. E por fim, analisamos as formas teórico-metodológicas aplicadas pelos professores para os assuntos relacionados a alfabetização cartográfica em suas aulas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para a obtenção dos resultados dessa pesquisa, construímos um questionário virtual pelo google forms com 09 perguntas, 02 abertas e 07 fechadas, encaminhadas para os professores do ensino fundamental I das escolas do município de Passira, agreste pernambucano, onde 33 responderam, mais da metade dos docentes, que estão distribuídos entre rede de ensino pública e privada.

Começamos querendo saber qual rede escolar os professores lecionam. Na fig. 1, obtivemos resposta que 58% dos professores ensinavam na rede pública, e os outros 42% na rede particular.

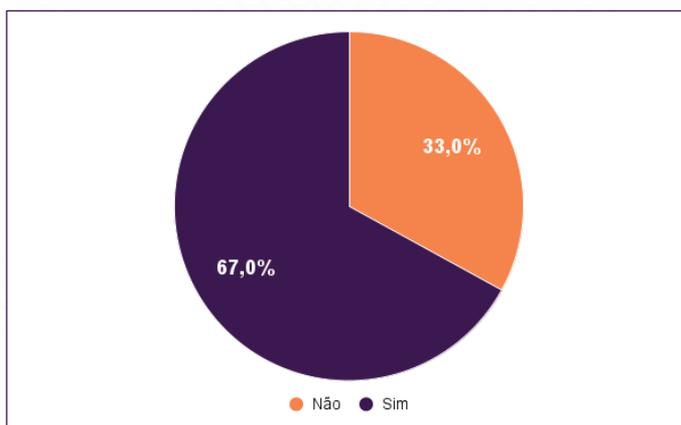
**Fig. 1:** Qual a rede escolar que você ensina?



**Fonte:** autoras, 2024.

Após entendermos qual a rede de ensino dos docentes que participariam da nossa pesquisa, adentramos na pergunta sobre a existência de aluno(s) portador(es) de algum tipo de deficiência na sala de aula ao qual ele ministra as aulas. A fig.2 nos mostra que mais da metade, 67% dos alunos desses professores são portadores de alguma deficiência, seja ela física ou intelectual. E apenas 33% dos alunos não tem nenhuma especificidade.

**Fig. 2:** Na sua sala de aula, existe aluno(s) portador(es) de algum tipo de deficiência, seja intelectual ou física?



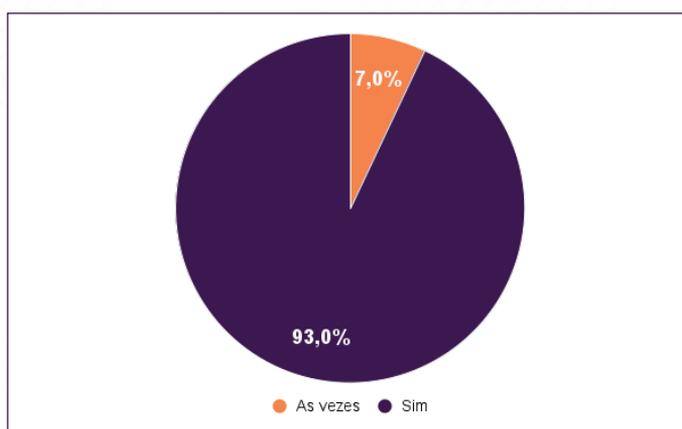
**Fonte:** autoras, 2024.

Nos últimos anos temos observado um crescente aumento de crianças diagnosticadas com alguma especificidade intelectual. Quando a Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional (LDB) foi criada em 1996, já tinha um olhar atento a educação especial, mais precisamente na Lei 9.394, capítulo V, que abrange bem o direito à educação e o dever de educar o aluno, de acordo com suas condições necessárias de adequação de currículo, recursos didáticos, espaço adequado e do atendimento educacional ou serviço especializado em sala de aula, do educandário. Assegurados pela Lei, alunos e familiares se sentem mais confortáveis para exigir seus direitos quanto a formação educacional de cada discente.

Na terceira pergunta, entramos na parte em que pedimos a opinião dos professores sobre a inclusão dos alunos, na sala de aula. Com isso, questionamos se eles acham importante ter a inclusão dos alunos nas atividades desenvolvidas em sala de aula. 93% dos professores disseram que “sim”; e 7% responderam que “às vezes”.

**Fig. 3:** Você acha importante incluir todos os alunos nas atividades desenvolvidas em sala de aula?



**Fonte:** autoras, 2024.

Com a fig. 3, podemos notar que para 7% dos professores questionados, existe certa dificuldade em incluir seus alunos durante as atividades desenvolvidas em sala de aula, o que acaba dificultando o ensino-aprendizagem do mesmo, além da socialização e interação com os outros alunos. Nisso, entramos na perspectiva de uma contínua formação para os professores, pois é um dos elementos fundamentais no cotidiano escolar, e no percurso formativo tanto dos professores, quanto dos estudantes.

Na fig. 4, deixamos em aberto para que os professores falassem sobre as metodologias que usam para incluir os alunos nas tarefas de classe. Destacamos algumas respostas, pois tiveram várias parecidas, ao qual foi esclarecedor a forma como os docentes da pesquisa buscam incluir seus alunos, e se modernizar, visto que a educação inclusiva necessita disso.

**Fig. 4:** Você busca metodologias diversas para incluir seus alunos nas tarefas de classe?

Sim, adaptando atividades de acordo com as habilidades que possa desenvolver.
Sim! Atividades lúdicas.
Sim. Através da tecnologia e pesquisa.
Sim, buscar conhecer as necessidades do aluno para conseguir trabalhar de maneira inclusiva nas atividades, tanto do conteúdo, quanto do cotidiano.
Sim. Jogos, brincadeiras, dinâmicas.
Sim, atividades diversificadas.
Sim, tenho um aluno com TEA que gosta muito de cantar, então utilizo a música como uma ferramenta didática para que ele e os demais tenha acesso ao conteúdo da mesma forma.
Sim. Costumo realizar rodas de conversa no início do ano letivo para conscientizar as crianças sobre o “ser diferente”. Incluir músicas, desenhos e histórias que contenham personagens portadores da deficiência que a criança apresenta.
Sim, metodologias ativas que despertem a curiosidade a busca pelo novo.
Sim, práticas inclusivas, onde todos independente de suas características consigam participar do que está sendo proposto em sala de aula.
Sim, com atividades adaptadas.
Sim, busco atividades na internet para melhor atender esses alunos e interações com brincadeiras.

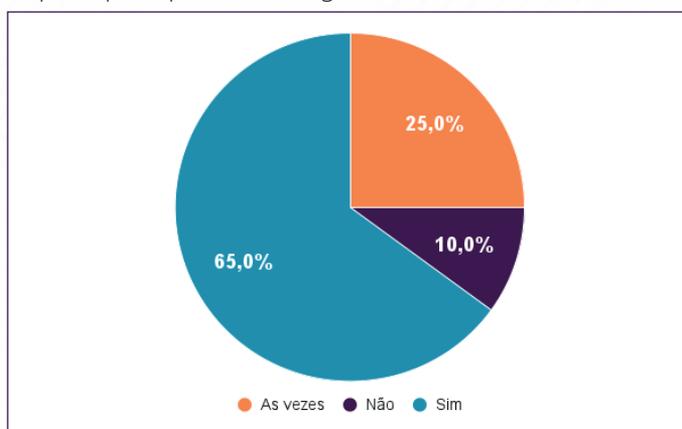
**Fonte:** autoras, 2024.

Após análise, vimos o que os docentes conseguem quebrar o paradigma de aula “normativa”, e buscam adaptá-las com o auxílio de recursos metodológicos, sempre se atualizando para compreender a especificidade de cada aluno. Soares (2019) afirmar que “ser professor e tornar-se educador é um meio privilegiado de contribuir para mudar o mundo e mudar a si mesmo, formando-se e “transformando-se””. Por isso, cada docente deve garantir a todas as crianças o direito de aprender e se sentir confortável no ambiente escolar, onde o diálogo com a criança e o respeito a seus desejos e interesses contribuem decisivamente para isso (SILVA, 2012).

Uma das formas de obter inclusão é utilizando materiais alternativos, como exemplo os jogos educativos que tanto foi citado pelos docentes. O importante é promover a interação dos alunos com o conteúdo de forma criativa e dinâmica. Além disso, é fundamental que o educador esteja atento às características individuais de cada aluno, respeitando seus ritmos de aprendizagem e incentivando a participação de todos. A diversidade de metodologias e materiais utilizados enriquece o processo educativo, tornando as aulas mais interessantes e favorecendo a compreensão e assimilação dos conteúdos.

Como é de suma importância os professores terem o suporte da escola para fazer um ensino-aprendizagem inclusivo, na fig. 5, indagamos aos docentes se “a escola dá suporte para que você consiga desenvolver aulas com metodologias inclusivas?”.

**Fig. 5:** A escola dá suporte para que você consiga desenvolver aulas com metodologias inclusivas?



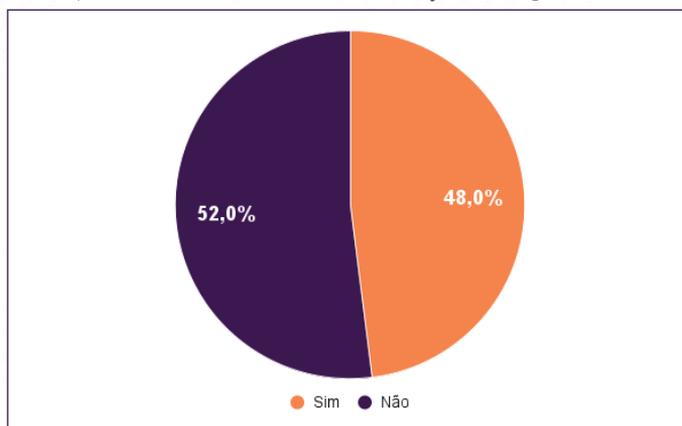
**Fonte:** autoras, 2024.

Percebemos que foi um percentual positivo, visto que mais da metade dos professores, 65%, afirmaram ter esse suporte por parte da escola. Alguns docentes deixaram comentários, aos quais foram: “Para as turmas nas quais tem aluno com especificidade sim.”; “Ainda tem a falta de suporte no material didático quando preciso.” Infelizmente essa falta de suporte quando necessário ainda é um déficit nas escolas brasileiras, afetando diretamente o trabalho dos professores e, conseqüentemente, a qualidade do ensino oferecido aos alunos. É importante que as escolas invistam mais em dar um apoio adequado aos docentes, garantindo assim um ambiente de trabalho mais eficiente e uma educação adequada para todos os estudantes. Além disso, é fundamental que

haja uma maior inclusão dos alunos para que todos tenham acesso a uma educação de qualidade e igualdade de oportunidades.

Para darmos início as discussões sobre alfabetização cartográfica, que é o foco da nossa pesquisa, começamos perguntando se os professores conheciam ou já ouviram falar sobre a alfabetização cartográfica. E na fig. 6, percebemos que mais da metade dos docentes, 52%, nunca ouviram falar, o que nos mostra a falta de uma formação eficiente desde a graduação. É de fundamental importância que os professores recebam formação específica sobre alfabetização cartográfica, para que possam utilizar esses recursos de forma eficaz em suas aulas e contribuir para o desenvolvimento de competências geográficas nos estudantes. Infelizmente essa falta de conhecimento pode impactar diretamente o trabalho do professor em sala de aula, e a percepção do estudante sobre o mundo, uma vez que a utilização dos pressupostos cartográficos são importantes para o desenvolvimento do senso crítico do aluno.

**Fig. 6:** Você conhece ou já ouviu falar sobre a alfabetização cartográfica?



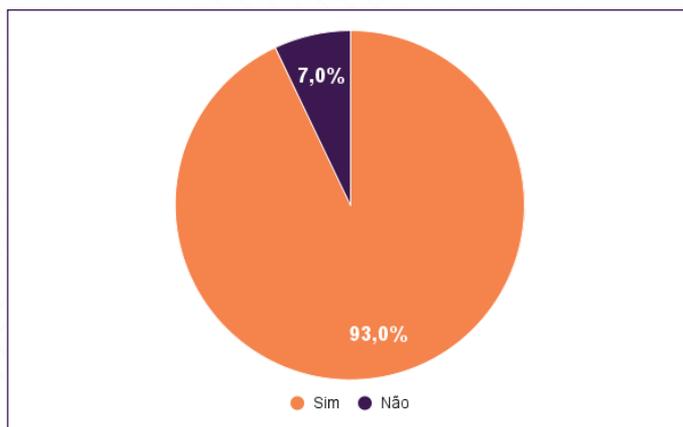
**Fonte:** autoras, 2024.

Através da alfabetização cartográfica, as crianças conseguem perceber e compreender as diferentes formas como o espaço é organizado e utilizado, desenvolvendo assim uma consciência crítica em relação ao meio em que vivem. Callai (2005) nos mostra que “aprender a pensar o espaço significa dar condições para as crianças lerem o espaço em que vivem e que para isso é necessário uma série de condições, denominadas alfabetização cartográfica.”, além de que permite que o aluno tenha uma compreensão mais ampla e contextualizada do mundo, favorecendo a construção de conhecimentos interdisciplinares e uma

educação mais significativa e integradora, sendo ferramenta essencial para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais, contribuindo para formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis.

A alfabetização cartográfica passa despercebida por englobar diferentes áreas do conhecimento, e por isso, na fig. 7, perguntamos aos professores sobre a utilização de brincadeiras e brinquedos com os alunos.

**Fig. 7:** Nas suas aulas, você utiliza brincadeiras como amarelinha, rodas, e utiliza brinquedos como bolas com seus alunos?

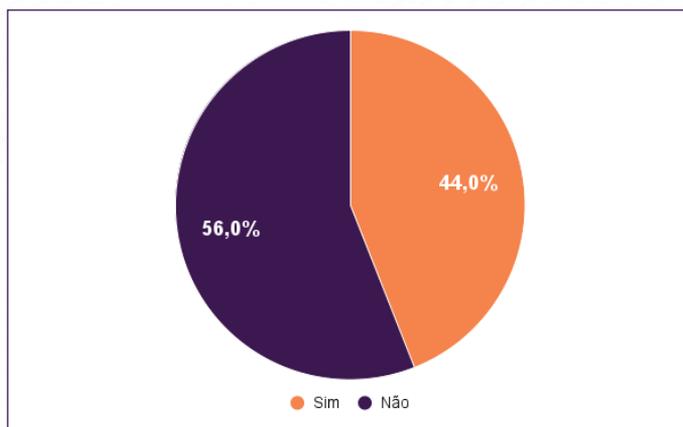


**Fonte:** autoras, 2024.

A utilização de brincadeiras e brinquedos pode ser uma forma divertida e eficaz de trabalhar a alfabetização cartográfica em sala de aula, possibilitando que eles explorem e compreendam de forma mais concreta e lúdica.

Dando continuidade aos questionários sobre “alfabetização cartográfica”, na pergunta 8 (fig. 8) questionamos os professores sobre eles saberem que as brincadeiras e brinquedos citados na pergunta 7 (fig. 7) faziam parte da alfabetização cartográfica. A resposta já foi esperada, visto que na pergunta 6 (fig. 6) os docentes não sabem o que significava “alfabetização cartográfica”, o que provavelmente, não saberiam que essa alfabetização não está ligada apenas a mapas e gráficos, mas a tudo o que faz o aluno interagir com o ambiente ao qual está inserido no momento de sua aprendizagem, e além, na totalidade do mundo.

**Fig. 8:** Você sabia que as brincadeiras e brinquedo citados anteriormente faz parte da “alfabetização cartográfica”?



**Fonte:** Autoras, 2024.

É fundamental que desde cedo as crianças tenham contato com os conceitos da alfabetização cartográfica, para que possam desenvolver uma visão crítica e consciente do mundo em que vivem, contribuindo para a formação de uma consciência espacial desde os primeiros anos de vida. É importante que esses conceitos sejam abordados de forma interdisciplinar e contextualizada, para que os alunos consigam compreender a complexidade e a dinâmica do espaço em que vivem.

A última pergunta (fig. 9) fizemos aberta e deixamos os professores livres para responderem caso quisessem. Abaixo colocamos as respostas que os docentes deixaram sobre as outras brincadeiras e brinquedos que eles utilizam em sala de aula para promover a inclusão dos alunos.

**Fig. 9:** Além dessas brincadeiras e brinquedo, quais outros você acha que promove a inclusão dos alunos na sala de aula?

Jogos e musicalização.
Jogos, contação de história, apresentações.
Atividades e jogos adaptados.
Acredito que qualquer brincadeira levada para dentro da sala de aula promove a inclusão, partindo do ponto de que a partir do brincar as crianças se relacionam e se respeitam de forma natural. Ainda, havendo a possibilidade de modificar regras e meios em uma única brincadeira, assim, realizando alterações que inclua o aluno portador de deficiência física ou intelectual. Por exemplo: Passa anel, coreografias musicais, céu e terra, massinha, entre outros.

Hidrocor, lápis de cor, folhas de ofício, massinha de modelar .
Dinâmicas em grupo, produções de desenhos, atividades em dupla.
Jogo de quebrar cabeça.
Cabra cega, porque aprendem a saber ouvir, ter atenção aos comandos e noções básicas de espaço.
Utilizo aramados, blocos de encaixe, blocos de madeira e blocos magnéticos.
As rodas de contratos combinatórios também flui feito.
Cores e texturas, brincando com sombras, dominós educativos e etc.

**Fonte:** Autoras, 2024.

É perceptível que os professores utilizam, principalmente jogos, para promover a inclusão dos alunos em sala de aula, o que proporciona uma aprendizagem eficaz, visto que o lúdico é uma importante ferramenta pedagógica que pode ser utilizada para tornar as aulas mais dinâmicas, atrativas e eficaz. Através dos pressupostos da alfabetização cartográfica, os alunos podem desenvolver habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais de forma mais natural e prazerosa. Além disso, o lúdico estimula a criatividade, a imaginação e a autonomia dos estudantes, promovendo um aprendizado mais significativo e duradouro.

Simielli (1999) coloca que há duas formas de se trabalhar com a alfabetização cartográfica. Na primeira, o aluno terá contato com produtos cartográficos já elaborados, como os jogos preparados, rodas, dinâmicas em grupos, enquanto que, na segunda, os produtos serão feitos por suas próprias mãos, como a brincadeira com massinhas de modelar, pinturas, recortes e colagens. Sendo notório que os docentes da pesquisa que responderam à pergunta 9 (fig. 9) utilizam da alfabetização cartográfica em suas aulas, mesmo são sabendo que as fazem.

A educação cartográfica deve ser trazida à sala de aula como algo prazeroso a ser aprendido, e precisamente, incluindo todos alunos, pois como diz Vesentini (apud Francischett, 1997a, p. 29), “integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história”. Sem falar que a motivação é essencial para que os alunos se sintam incluídos, engajados e interessados em aprender, e o professor desempenha um papel fundamental nesse processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização cartográfica favorece a interação entre os alunos, incentivando a colaboração, a comunicação e o trabalho em equipe. Dessa forma, o ambiente escolar se torna mais acolhedor, motivador e estimulante para todos os envolvidos, que promova o respeito à diversidade e a convivência harmoniosa entre os alunos. A escola deve ser um espaço onde todos se sintam seguros, respeitados e valorizados, independentemente de suas diferenças.

É importante que os professores estejam cientes da importância da alfabetização cartográfica para o desenvolvimento do aluno, e busquem, continuamente, estratégias criativas e inovadoras para promover o aprendizado nessa área, tornando -o mais significativo e prazeroso para os estudantes, sendo a utilização de materiais didáticos alternativos uma estratégia importante para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e atrativo, promovendo a construção do conhecimento de forma significativa e estimulante para os alunos.

Por todas essas razões citadas durante nossa pesquisa, é fundamental que os professores incorporem a alfabetização cartográfica em suas práticas pedagógicas, reconhecendo a sua importância no desenvolvimento integral dos alunos e na qualidade do processo educativo, e na promoção da inclusão dos alunos com algum tipo de deficiência.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. O espaço geográfico: Ensino e representação. **Contexto**, São Paulo, 2013.

BARROS, J. M. **A Cartografia na Educação Básica: Uma breve discussão da importância deste estudo no Ensino Fundamental**. Itapetininga, 2014.

BRASIL, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Presidência da República**. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 20 Dez. 1996, Cap. V.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. CEDES**. Vol. 25 nº 66. Campinas. Maio/Ago. 2005.

CARVALHO, E. A. ARAÚJO, P. C. História da Cartografia. **Edufrn**, Natal, RN, 2008.

CASTELLAR, S. M. V. e MORAES, J. V. de. A linguagem cartográfica: possibilidades para a aprendizagem significativa. IN: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S de; PEREIRA, T. R. D. S. (org.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

FRANCISCHETT, M. N. **A Cartografia no ensino da Geografia: construindo os caminhos do cotidiano**. 1997a. 148 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNICENTRO/UNICAMP, Guarapuava.

FILIZOLA, R. Didática da Geografia: propostas metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. **Base Editorial**, Curitiba, 2009.

FLORES, B. O. et al. **Materiais Didáticos: Alternativas a prática de Geografia. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**, Porto Alegre, p. 1-10, 2010.

LACOSTE, Y. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1988.

MONTEIRO, M. G. V. **Práticas pedagógicas e inclusão escolar: O processo de ensinoaprendizagem de alunas com deficiência intelectual**. 2015. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

OLIVEIRA, L. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. São Paulo: USP, 1978.

PASSINI, E. Y. Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise Crítica. Belo Horizonte, **Editora Lê**, 1998.

SILVA, F. C. F. **A formação de docentes: relações entre o projeto pedagógico do curso de pedagogia e os saberes dos egressos que atuam na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica, Goiânia, 2012.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, In: ALESSANDRI, A. (org.). **A Geografia na sala de aula**, São Paulo, p. 92-108, 1999.

SOARES, A. S. A formação e a educação infantil: O que dizem os egressos do curso de pedagogia da UFMG que se graduaram nos anos de 2011 e 2012. **e-Curriculum**, São Paulo, v.17, n.2, p.543-573, 2019.

SOUZA, J. G., KATUTA, Â. M. Geografia e Conhecimento Cartográfico. A Cartografia de renovação da Geografia Brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo, **Ed. UNESP**, 2001.